

Compreendendo a Lógica do Trabalho em Populações Tradicionais Ribeirinhas

Nara Eliana Miller Serra¹

RESUMO: Este trabalho traz em seu contexto passagens para a compreensão da lógica do trabalho em populações Tradicionais ribeirinhas, fazendo uma trajetória histórica sobre o povoamento da Amazônia, percorrendo os seringais e a saga nordestina, a influência indígena, descrevendo o modo de vida, e a influência cultural, a relação com a natureza, bem como o seu modo de trabalho e produção, a ausência da participação efetiva no mercado, tendo como fonte de pesquisa e observação à comunidade de Nazaré, situada no baixo madeira, a 150 km de Porto Velho.

PALAVRAS-CHAVES: Ribeirinho, cultura, trabalho.

ABSTRACT: This work brings in your context passages for the understanding of the logic of the work in riverine Traditional populations, making a historical path on the settlement of the Amazonian, traveling the seringais and the Northeastern saga, the indigenous influence, describing the life way, and the cultural influence, the relationship with the nature, as well as your work way and production, the absence of the participation executes at the market, tends as research source and observation to Nazareth's community, located in the low wood, to 150 km of Porto Velho.

KEYWORD: Riverine, culture, work.

Contexto Histórico da Amazônia

Pela formação étnica, o povo brasileiro acumulou traços culturais diferenciados cuja influência ocorreu em virtude da maior ou menor concentração de brancos, índios e negros. É certo que os Portugueses triunfaram diante das demais, principalmente dos brancos, e, talvez pela própria predisposição de sua raça, mesologia e cultura tenha se adaptado com mais facilidade ao clima tropical e,

¹ Aluna do Mestrado em Desenvolvimento Regional e pesquisadora do Projeto Beradão

relacionado-se melhor com os indígenas principalmente as índias dando origem ao mestiço, devendo-se portanto a eles, o ato colonizador, da exploração econômica e da estrutura colonial do Brasil no século XVI.

Esses aventureiros vieram em busca de riquezas minerais, principalmente do ouro e foram instalando-se em diversos locais do Brasil e por conseguinte na Amazônia, onde seguindo o imaginário dos antigos viajantes, buscavam o Eldorado e as belas mulheres guerreiras que habitavam palácios de ouro.

As amazonas são as grandes guardiãs desse Éden tropical... nessa cidade havia imensa riqueza de ouro e prata, e todas as senhoras principais e de maneira possuem um serviço todo de ouro e prata, e que as mulheres plebéias ou servem em vasilhas de pau, exceto as que vão para o fogo, que são de barro” (GONDIM, 1994:84/85).

As grandes expedições não imaginavam quão dificultosas seria esse caminho, pois tinham que enfrentar a fome, os ataques dos índios, animais ferozes, doenças tropicais e mosquitos, muitos mosquitos, além do desafio de transpor rios que se multiplicavam em toda Amazônia.

Não encontrando as riquezas esperadas, partiram para agricultura, onde reconheciam ser o solo fértil, e se acreditava grandes colheitas; A existência da caça de todas as espécies e a perspectiva de criação de gado, visando a formação de grandes pastos, começava a despertar nos portugueses uma nova forma de explorar a terra já que a cidade de ouro não existia .

Assim, por muito tempo foi descrita a Amazônia, com seus mitos e exaltação à suas riquezas, o que não se deve negar que a imensidade de matas compondo uma floresta exuberante, foi alvo de devaneios e imaginação de seus visitantes, ou de quem dela ouvira falar, sendo procurada apenas para extrair seus minerais, ervas medicinais e outras riquezas, o que não mudou muito dos dias atuais, quando se tem na Amazônia o chamado celeiro do mundo e a sua biodiversidade ameaçada por pirataria e outras atitudes semelhantes.

Somente em meados do século XVII é que a Amazônia começa a ser povoada quando Francisco Caldeira Castelo Branco fundou a vila de Nossa Senhora de Belém, no então estado do Pará. O século XVIII desponta com alguns acontecimentos para a Amazônia, quando os missionários da Coroa Portuguesa iniciam a catequese e penetração da bacia do Rio madeira. Várias expedições viriam

a título de conhecimento e estudo percorrer a Amazônia a fim de divulgar esse gigante adormecido aos olhos do mundo.

Do período da borracha

A borracha já vinha sendo utilizada pelos missionários na confecção de calçados e outros utensílios impermeáveis. Somente em 1736 foi que a Europa tomou conhecimento de sua existência, através do escritor francês La Condamine. Em 1837 a 1877 a exploração da borracha cresceu e o Pará tornava-se o maior pólo de atração para a exploração do leite da seringa e em maior escala, tendo a Inglaterra como a melhor compradora do látex. Mato Grosso, também iniciou uma produção em menor escala, no entanto, ambos contribuindo para o povoamento da região que se concluiria no Mamoré-Guaporé, com maior intensidade a partir das secas de 1877, quando ocorreu a primeira grande migração de nordestinos para a Amazônia.

O nordestino fugindo da seca que assolava o sertão, do solo seco e esturricado pelo sol, chega na Amazônia verdejante e inundada pelos seus rios. Jornada difícil de ser empreendida. Famílias inteiras se aventuraram não importando quantos desafios e quantas inospitalidade encontrariam pela frente.

Numa época difícil, com o mercado de trabalho escasso, a ocupação para o extrativismo tornava-se convite tentador, até pela influência de um trabalho livre, quando independente de uma feitoria, manifestações climáticas e outras atividades obrigatórias na labuta da lavoura.

Devido ao crescente valor da borracha no mercado internacional foram instituídos sistemas para a extração do látex, onde foram criados os grandes seringais e, considerando a extensa quantidade de terras devolutas, os seringalistas se apropriaram das terras tornando-se patrões mantendo endividados os pobres colonos recém-chegados, cobrando-lhes desde as despesas com o deslocamento, utensílios de trabalho a alimentação e medicamentos, tornando-se desta maneira devedores por várias safras.

Aliado a isto, o seringueiro era proibido de exercer qualquer outra atividade, como seja a agricultura ou a criação, ficando a mercê dos seringalistas quanto à sua manutenção, sem contar que todo material e alimentos adquiridos naquele sistema eram a preços exorbitantes.

Existia toda uma estrutura em torno dos seringais, principalmente relativo a aquisição do produto. Do seringueiro ao barracão, desde o fornecedor ou aviador brasileiro, daquele ao estrangeiro que era quem ditava o preço da borracha, todos lucrando, menos o coletor. A mercadoria para uso e alimentação do seringueiro iam em sentido inverso; Cada degrau explorando ao imediatamente inferior, até chegar ao seringueiro, por preços extorsivos. (SILVA, 1999, p. 68)

Já nesse primeiro ciclo, os nordestinos chegaram ao Guaporé e segundo Osório Nunes, nada menos que 70.000 indivíduos ocuparam a calha dos rios componentes da bacia do Mamoré, Guaporé e Madeira. Com o declínio da borracha pela explosão do látex na Ásia, a economia brasileira sofreu um grande abalo na perda de mercado internacional. Os seringais foram sendo abandonados e os seringueiros, em sua maioria, não mais voltou ao seu Estado de origem, povoando então as margens dos rios da Amazônia, ou embrenhando-se em suas matas em busca de uma nova forma de viver.

A inserção do nordestino na área ribeirinha foi decisiva para a caracterização e formação das localidades, onde o trabalho movimentou a riqueza da região nas fases da economia extrativista não obtendo para si, ganhos econômicos ou materiais significativos. (id.102)

A influência indígena

A presença indígena é outro fator de relevância no entendimento da formação dos povos amazônidas. O caboclo, o beradeiro ou o ribeirinho têm sua origem na junção dessas duas categorias: o Nordeste e o índio. Há quem classifique o caboclo como sendo aquele nascido nas terras Amazônicas, ou os que nela vivem e tenham assimilado sua cultura, portanto, por assimilação e também o índio amansado, aquele que perde suas características fundamentais e adquire um modo de vida igual aos de sua nova convivência; De qualquer forma, a influência indígena está presente e é fundamental nessa nova estrutura que se consolida entre diferenças.

Essa formação se deu ao longo de períodos de conflitos, de mortes e de muitos desentendimentos. Espalhadas no ambiente amazônicos constituíram populações isoladas e carentes, criando e organizando seu modo de vida, ampliando ou restringindo seus espaços, originando uma população diferenciada

pelos seus traços físicos, culturais, alimentar, de crenças e organização para o trabalho.

O viver ribeirinho

O modo de vida do amazônida é determinado pelo ritmo das águas. Em relação constante com a natureza, os ribeirinhos têm nas matas e nas águas toda simbologia expressa na sua cultura, diante de um espaço único, crítico e de muitas interpretações. A relação homem e natureza iluminam e refletem a cultura desse povo.

Trata-se de um mundo de pescadores, indígenas, extratores consumidos em largas e pacientes jornadas de trabalho; de uma geografia de léguas de solidão e dispersão entre as casas e pequenas cidades, de um viver contemplativo onde predominam a linguagem e a expressão devaneantes, como se seus habitantes caminhassem entre o eterno e o cotidiano. (Loureiro, 1994 : 68).

O caboclo, o matuto, o ribeirinho como normalmente é conhecido, criou um mundo todo especial onde a cultura favorece como marco de sua existência e resistência através dos tempos. Da relação com a natureza construiu o seu modo de viver pautado numa simplicidade e na grande solidariedade entre suas comunidades. De natureza calma, o caboclo possui traços de seus ancestrais, os indígenas, de quem sua herança é grandiosa, fortemente evidenciados seja na moradia, casa ou forma de palafitas cobertas de palha comumente à beira dos rios; na alimentação através do cultivo da mandioca, milho feijão e na produção da farinha comida indispensável ao uso do caboclo; o trato do peixe e suas iguarias; no ato de “benzer” as crianças contra “mal olhado” ou “quebrando”; na cura de doenças através da produção de chá, emplastos e a utilização de ervas medicinais. No caminhar silencioso pelas matas, solitariamente à proa de uma canoa onde, permanece longas horas num meditar profundo. O ato do acolhimento e da solicitude que se manifesta de maneira espontânea e alegre.

Retira da natureza o seu sustento retribuindo-lhe com o respeito de não promover queimadas ou destruir suas matas. Conserva os rios e igarapés como bens preciosos de onde retiram o peixe para o sustento da família e algumas vendas. Não tem pressa, não precisa correr contra o tempo, pois este, é

determinado no seu cotidiano pelas atividades, dentro de um espaço próprio sem interferências de qualquer natureza. Na sua maioria não são proprietários de terras, posseiros que ocupam a terra e cultivam plantações. “o caboclo observa, analisa, conhece, destaca, valoriza, sente, humaniza, estetiza, em sua relação geográfica antológica com a vida. Vive com a paisagem na relação de complementaridade” (id, pg. 235).

Há uma dimensão de relacionamento do caboclo com a natureza que se complementa a cada dia de trabalho, e da sobrevivência fundamentada no conhecimento prático do viver ribeirinho.

Do modo de trabalho

É interessante neste momento ressaltar que, as populações ribeirinhas, conservam um estilo de trabalho diferenciado de outras comunidades. Não possuem o desejo de acumular, faz o seu tempo e utilizam seus espaços de conformidade com as suas necessidades. Não vivenciam a urgência de horários nem a correria para o trabalho. Estão simplesmente beneficiados pelas florestas e rios. Terras ao seu dispor, podendo ampliar ou restringir suas área de cultivo e criação de animais. Dispõem de uma abundância de peixes e também de frutas regionais por eles cultivadas. Desconhecem a rotina do trabalho de oito horas diárias, horas-extras ou plantão. Fazem do seu cotidiano uma seqüência de atividades que atendem às suas carências, dentro de um ritmo próprio.

Por essa singularidade seu trabalho e sua produção são apenas para subsistência. Daí serem consideradas pessoas que não gostam de trabalhar, desinteressados e sem pretensão de adquirir bens materiais, fazer projeções para o futuro ou desdobrar-se em atividades que vá de sol a sol. Para quem não conhece esta peculiaridade, é fácil pensar que são “preguiçosos”, sem ânimo ou inertes. Esta característica é inerente a essa população, pois nela reside toda uma cultura e uma formação, cheia de encantos e riqueza formadora de uma instituição, podemos assim exprimir, pelas suas características próprias, que somente um olhar desprovido de conceitos pré-concebidos pode compreender e conviver com esta peculiaridade absorvendo aspectos culturais e todo um aprendizado, como bem diz Malinoswski (1978):

... cada fenômeno deve ser estudado através de um levantamento exaustivo de exemplos detalhados... e a instituição é sempre uma novidade multidimensional. .. ela compreende uma constituição ou código, que consiste no sistema de valores em vista dos quais os seres humanos se associam; isto é corresponde à idéia da instituição tal qual como deve ser concebida. Pelos membros da própria sociedade. Compreende também um grupo humano organizado cujas atividades realizam a Instituição. Essas atividades se realizam de acordo com normas e regras que constituem mais um elemento dessa totalidade.

Pelo fato de produzir para sua subsistência está diretamente envolvido pela relação não capitalistas de produção mediadora, que indica a ausência de mecanismos de reprodução, frente a expansão de fronteiras, estabelecidas pelas dificuldades e condição de esquecimento que se encontram. Esta insuficiência é atribuída à distância dos mercados e a dificuldade dos meios para o transporte da produção.

os meios de produção ainda não aparecem na realidade da produção como capital nem a força de trabalho chega a se configurar na categoria salário. Portanto o produtor não tem como organizar sua produção de modo capitalista, segundo a racionalidade do capital. O capital só entra, só se configura, onde sua racionalidade é possível. (Martins 1997: 185).

Longe de estabelecer relação direta com o capital as populações tradicionais executam sua atividades de forma artesanal e rudimentar, desprovidos de qualquer suporte técnico, mecanizado ou tecnológico. A agricultura praticada é através da mão-de-obra familiar, prevalecendo o trabalho dos filhos homens nas atividades de maior esforço, seguido das esposas e companheiras e por fim, os compadres, numa relação de troca; não existe a forma de compensação através do dinheiro por excelência, mas sim, caracterizado pela colaboração e cooperação entre os moradores. No caso da produção de família, por exemplo, apresentam as seguintes formas de trabalho, conforme SOUZA e LIMA (2002: 173); o sistema de *meia* que é a divisão do trabalho e da produção com quem ajudou; *Diária* – quando o trabalho é recompensado através de dinheiro e o *trabalho de grupo*– quando vários membros da comunidade se juntam para realizar um trabalho em prol do bem estar de todos.

Como a maioria das vezes a produção é pequena, o agricultor conta normalmente com a sua própria família. No caso da comunidade que estamos pesquisando, o excedente a ser comercializado, além do transporte a ser pago,

ainda sofre a pressão dos atravessadores. Infelizmente não existe um local apropriado como uma feira do produtor para que o ribeirinho possa vender sua produção direta ao consumidor. Por isso, limita-se a cair nas mãos de especuladores cujos valores ofertados são muito aquém do preço de mercado. Sem opção, recebe o que lhes pagam. Essa ação caracteriza-se pela desvalorização do produto e da mão-de-obra, atribuindo ao pequeno agricultor o ônus de uma condição imposta pela falta de assistência que ele está sujeito.

MARTINS, em seu livro *Frenteira: A degradação do outro nos confins do humano* (1997) nos esclarece

Para que a força do trabalho se reproduza, terá de receber por seu produto o seu valor, isto é, o que foi despendido em meios de vida por quem trabalha, pois do contrário a força de trabalho não poderá reproduzir-se... Ele terá de produzir e assegurar seus próprios meios de vida. Com isso, poderá vender seus produtos como excedentes e não com produto cujos preços de venda pelo produtor esteja eventualmente baseado numa contabilidade de custos, como ocorre na atividade organizada em bases empresariais... Em consequência, a sobrevivência do agricultor dependerá de que ele possa assegurar essa sobrevivência por outros meios. Ele o traz organizando sua produção como uma atividade complementar da produção direta de seus meios de vida.

Na verdade, Martins chama-nos atenção para que os meios de vida do agricultor não sejam imediatamente ditados pela mediação do mercado, pois mesmo acreditando estar comercializando o que considera excedente, está vendendo o que primeiramente havia sido produzido para a subsistência. O autor considera esse processo como *economia de excedente*, diferenciando-a da simples economia de subsistência.

Entende-se, portanto que mesmo tendo o desejo de apresentar sua produção, o ribeirinho depende de vários fatores para produzir em quantidade que possa negociar e manter um contrato de entrega de produtos; ou mesmo entrega sistemática a um determinado comprador. Um dos fatores limitantes são os recursos disponíveis, quase rudimentares, sem orientação e sem tecnologia; o sistema de trabalho familiar que se agrava com a saída do filho mais velho para a cidade ou outra atividade; a condição de pobreza em que vivem deixando pouco a comercializar; e por fim, o meio de transporte, os especuladores, agricultura de roça, e a necessidade de novas terras.

Concretamente o agricultor produz para o seu meio de vida, e o excedente muitas vezes não chega a ser vendido, apenas trocado por alimentos em alguma mercearia. Em outra situação, a produção ainda não foi retirada, mas o ribeirinho já se encontra endividado e sua produção comprometida, levando-o a vender não somente o excedente, mas também o que seria para a manutenção de sua família.

Enfatiza-se, no entanto que o excedente aqui mencionado não é uma simples sobra, mas, a quantidade produzida a maior, de sua manutenção.

Trata-se de uma economia de excedente porque o raciocínio que preside a organização da produção, isto é o que plantar e, sobretudo quando plantar e até onde plantar está organizado a partir da idéia de que o que se planta uma parte deveria destinar-se primeiramente à subsistência do produtor e um excedente deveria ser produzido par o comércio...o acréscimo do tamanho da roça em relação à assistência depende da disponibilidade da força de trabalho familiar ou da possibilidade de pagar a terceiros para que a façam. (Op cit: 191)

Por outro lado, a agricultura depende inclusive das atuações climáticas. Período de seca prolongada ou de inundação desfavorece o plantio atingindo a produção que não terá o acréscimo a ser comercializado. A agricultura praticada em pequena escala vem se mantendo ao longo dos anos num movimento cíclico envolvendo o ribeirinho, a produção e o atravessador.

Também a falta de organização dos trabalhadores muito contribui para a descaracterização do agricultor e a desvalorização de sua produção pela baixa qualidade, considerando que o consumidor está cada dia mais exigente, e o ribeirinho não dispõe de alternativas, como por exemplo embalagens , ou apresentação de seus produtos de forma a "*encher os olhos*" do comprador, estes são oferecidos in natura

Na verdade, esses pequenos agricultores, possuem limitações tamanhas além dos fatores anteriormente citados que os impede de competir, a maioria são analfabetos e não dispõem de qualquer outro recurso financeiro, senão a venda do pescado, da farinha ou de frutas da época; o que muitas vezes se caracteriza apenas pela troca de mercadorias, não chegando a circular o dinheiro propriamente.

A mercadoria dinheiro, como qualquer outra mercadoria tem seu valor, um valor pelo tempo de trabalho socialmente necessário que se utiliza na sua produção e reflete as condições sociais e físicas específicas do processo de trabalho sobre o qual é produzido sendo assim, o dinheiro funciona como medida de

valor; o valor do uso do dinheiro consiste em facilitar a circulação das mercadorias, ou seja, um meio de circulação.

Daí percebem que as condições de intercâmbio geral de mercadorias fazem com que a forma de circulação capitalista seja socialmente necessária. Essa é uma das condições que o indivíduo deveria satisfazê-la a fim de ser inserido no mercado, participando ativamente dessa circulação, para então consideramos sua inserção no mundo do capital. Fato que se reconhece ser difícil, não impossível de ocorrer nas populações ribeirinhas, seja pela sua situação geográfica, seja pela falta de assistência, seja principalmente pela inexistência de políticas de incentivo a agricultura familiar para aquela população.

Este modo de produção não deve ser considerado apenas como reprodução da existência física dos indivíduos, ele já é uma espécie determinada da atividade destes indivíduos, uma determinada maneira de manifestar a sua vida, na determinada maneira de viver destes indivíduos. (Candido,1964, p. 31).

A bem da verdade, esse modo de produção ainda é uma forma de não estar envolvido diretamente com o capital propriamente dito, o que embora seja visto de uma forma não compreendida, em vista da globalização e dos processos de modernidade que se instalam em todo mundo, o capital,

Vem representando um grande fator de hostilidade ao homem, a natureza e a cultura – por seu caráter performático, evolucionista e finalístico – provocando gravíssimos problemas por sua ação não modernizadora que promove a desigualdade social... o capital se apropria da natureza e varre dali a magia e o mito, a mística cósmica e o índio, imprimindo-se como mitomágica da violência. A paisagem vai se tornando emergencial ou, como bem afirma Tidorfe Moreira, uma paisagem a prazo. (Loureiro, p.413)

A introdução do capital então, prevalece sobre toda a cultura de um povo, trazendo consigo o fantasma da exclusão, presidindo um campo deslocado e um espaço delineado por forças alheias a toda uma historicidade e a toda uma cultura. Diante deste fato, há um grande dilema: Optar pelas formas modernas de inserção no mercado de trabalho de maneira convencional, competitiva considerando suas conseqüências, ou, contar com a vontade política, no sentido de estudar e propor formas de desenvolvimento que contemple as características culturais e formadoras dessa população, estabelecendo uma nova sistemática de trabalho, produção e,

conseqüentemente de como entrar no mercado sem perder sua caracterização de populações tradicionais.

Conclusão

Buscou-se o contexto histórico para poder compreender as diferenças individuais e espaciais de uma população. Foi no sofrimento do seringueiro que o Brasil se projetou no grande ciclo da borracha, onde para alentá-los, chamaram-no de “soldados da borracha”. Efetivamente travaram uma luta insana contra todas adversidades e acima de tudo, sujeitou-se a um sistema de escravidão mercantil, pelo fato de necessitar de alimentos para sobreviver. Já acostumado a esse ritmo de vida, termina a fase áurea e estes pobres coitados são largados à própria sorte. Já não sabiam o que era ser livre. Liberdade de poder fazer o que tivesse vontade. Sentiram-se paralisados e dependentes dos antigos “barracões”. Como iniciar uma nova vida?

Após peregrinar por terras Amazônicas, aos poucos foram se acomodando, fundando vilas, lugarejos e cidades. A sua forma de trabalhar mudou e com ela, o seu estilo de vida. Ao conviver com os indígenas, embora não tenha sido uma relação tão harmoniosa, mas conflitante, aos poucos, adquiriram o mesmo modo de vida e incorporaram nova cultura, novas crenças e uma sabedoria que passa de geração em geração.

A produção ainda pequena não insere o ribeirinho no mercado, não tendo ainda suporte para competir através de seus produtos. Em contrapartida, a sua relação com a natureza seu bem mais precioso, ainda é mantida viva, pois é dela que retira toda sua energia e sua força cultural. Sabe-se que necessitam de melhores condições de vida, mas, é preocupante as conseqüências de um sistema de produção que acelere o capitalismo e venha destruir esta cultura tão rica e profunda em seus mitos e crenças, que ainda nos convida a conhecer, vivenciar e desvendá-la.

Bibliografia

CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito. 34 Ltda, São Paulo, 2001.

CHAUÍ, Marilena. Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária. Perceu Abramo. São Paulo, 1996.

GONDIM, Neide . A invenção da Amazônia. Marco Zero, São Paulo, 1994

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Abril Cultural, São Paulo, 1978

MARTINS, José de Souza, Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano, HocTec, 1997.

MARTINS, Marseno Alvim. A Amazônia e nós. Bibliex. Rio de Janeiro, 1972.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. Cultura amazônica. Uma poética do imaginário. Cejup Belém, 1995.

SILVA, Amizael Gomes. Conhecer Rondônia. ABG Porto Velho, 1999.

SILVA, Maria das Graças S.N. o Espaço Ribeirinho . Terceira margem São Paulo, 2000.

SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. A Agricultura Ribeirinha do Baixo Madeira e o Processo de Globalização. Artigo. Pesquisa na Amazônia vol.1. Edufro. Porto Velho, 2001.

SOUZA, Marlluce Paes, DE LIMA, Nívea M. Martins – A concepção do trabalho ribeirinho – artigo. Nos Banzeiros do Rio. Edufro, Porto Velho, 2002.

XIMENES, Tereza.(organizadora) Perspectiva do Desenvolvimento Sustentável (uma contribuição para a Amazônia 21).Supercores, Pará, 1997.